

## **Cinquenta Anos De Eternidade.**

*Newton Reginato*  
*Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP*

Nem sempre os dias são bons, isso sabemos, e após uma certa idade poucas atividades nos são atrativas. No outono da vida, mais precisamente nos seus idos, dependendo das condições psicossomáticas, tornamo-nos amantes do cochilo e inimigos do sono, e quase sempre elegemos a nostalgia como “relaxante de cabeça”, talvez porque avessos às monotonias e aos enfados das obrigações que nos acompanharam por décadas e ainda acompanham. O dia, muitas vezes, deixa de ser “mais um dia”, passando a ser “um dia a menos”, e a contagem dessa fração temporal, gostemos ou não, é regressiva e irreversível, e não atinamos para ela. Mas a vida é assim mesmo – sejamos estoicos – e de nada adiantam receitas prontas em sentido contrário, porque ela, a vida, e o tempo, seu companheiro inseparável, isso nos ensinam diariamente como se professores fossem, e as lembranças, que afloram entre as lições ministradas, “minutos de recreio”.

Eu não havia completado meus dez anos de idade, e lembro-me bem ter ouvido muitas vezes, pelo rádio lá de casa, um samba cuja letra alguns versos memorizei, e as suas estrofes, muito tempo depois, passei a conhecer. Transcrevo-as como recordo:

*Eu daria tudo que eu tivesse  
Pra voltar aos dias de criança  
Eu não sei pra que que a gente cresce  
Se não sai da gente essa lembrança*

*Aos domingos, missa na matriz  
Da cidadezinha onde eu nasci  
Ai, meu Deus, eu era tão feliz  
No meu pequeno Mirai*

*Que saudade da professorinha  
Que me ensinou o beabá  
Onde andarã Mariazinha  
Meu primeiro amor, onde andarã?*

*Ai, eu igual a todameninada  
Quanta travessura que eu fazia  
Jogo de botões sobre a calçada  
Eu era feliz e não sabia.*

Trata-se da letra de uma canção antiga (Meus Tempos de Criança) do início dos “anos 60”, do saudoso Ataulpho Alves, de quem muitos, em especial a juventude de hoje, sequer atina quem foi ou ouviu falar, e, menos ainda, o que seja o tal do “jogo de botões sobre a calçada”. No meu caso e no de muitos outros, salvo aqueles que não assumem a idade por visível, risível e jocosa vaidade, é só voltar um pouquinho no tempo, uns cinquenta anos mais ou menos, e tudo se aclara fazendo os devidos trocadilhos na composição. Quem não se lembra da primeira “Mariazinha” ou do primeiro “Joãozinho”, da primeira “professorinha”, da primeira “missa na matriz” e das “travessuras” que fazia, sem imaginar que um dia viria à tona toda “essa lembrança” e o quanto “era feliz e não sabia”? Certamente nenhum de nós.

Rememorando o passado e voltando ao tempo em que eu “era feliz e não sabia”, o Grupo Escolar da época dos meus pais transformou-se em Ginásio e depois em Colégio, quando a Igreja Matriz do bairro, o Convento Franciscano e a Escola formavam um complexo comunicante, misto de tradicionalismo com uma pitada de medievalidade visual.

Uniforme impecável: camisa branca de punho, calça azul-marinho, gravata da mesma cor com o símbolo da escola, meias brancas, sapatos pretos devidamente engraxados, quase espelhados, blusão marrom no Ginásio e azul-royal no Colégio com detalhes amarelos. Fila para entrar e fila para sair obedecidas a estatura e a distância, classe por classe, com exibição da “caderneta escolar”, tudo ao toque de campainha ou de sineta antiga, aquelas de bronze cinzelado, empunhada por um franciscano da Ordem Menor com muita disposição disciplinar. Todos em pé do lado direito da carteira, com as mãos para trás, quando da entrada e da saída dos professores na sala de aula, e igual reverência era prestada para qualquer pessoa alheia ao corpo docente (“*Tutti barilla!*” – dizia um tio meu, com sua voz rouca, rindo). Os meninos estudavam de manhã e as meninas a tarde; caso ocorressem estudos no mesmo período eram acomodados em salas separadas e não se misturavam nem na hora do recreio e nem durante a missa

dominical, só no Colegial mesclou causando uma certa estranheza entre colegas, fazendo prevalecer, via de consequência, o velho “condicionamento” através de um acordo *inter pares*: os garotos ficariam de um lado e as garotas do outro dentro da sala de aula (ria leitor, a vontade... foi o que aconteceu).

Mas isso não era tudo, havia outros complicativos até certo ponto difíceis de serem compreendidos nos dias de hoje, decorrentes de culturas e costumes diferentes, impondo-se uma ligeira digressão.

De início chegaram os portugueses, os italianos e os espanhóis; mais tarde vieram os árabes, os gregos, os judeus e os orientais – se natos ou descendentes pouco importa – e por último os bolivianos e peruanos, verdadeira multiplicidade étnica concentrada em três quilômetros quadrados beirando o “marco zero” da Capital. Se tal diversidade fosse de pescados, mais do que justificado estaria o nome do bairro: Pari (uma armadilha indígena feita com varas, assemelhada a uma cerca, instalada de um lado a outro das margens, destinada à captura de peixes nos leitos dos rios). Nasci e cresci nesse mosaico de usos, costumes e tradições. Respirei um pouco do oxigênio dos católicos romanos, dos ortodoxos, dos muçulmanos, dos israelitas, dos xintoístas e outros mais. Negros eram como irmãos, e vivenciei aceitações e rejeições como todo e qualquer caminhante pelos asfaltos deste mundo, o que me faz lembrar certas situações e sorrir.

Meninas gregas não lançavam piscadelas d’olhos e nem as aceitavam de quem não fosse das “ilhas”, e o pior: sempre estavam comprometidas com homens mais velhos a 10.000 quilômetros de distância. Bailinhos, então, nem de formatura: esqueça! Então, não havia saída: “você aí, eu aqui”, doa o quanto doer. Mas passado um tempo, com jeitinho e sorrisos, uns salgadinhos ou doces típicos sempre chegavam às nossas mãos pelos vãos das portas e janelas, e a orientação era sempre a mesma: *Passe em casa às três! Não toque a campainha! Tô te esperando!* E lá ia o heroico “Perseu” aqui, ao encontro de “Andrômeda” lá, evitando dar de cara com uma “Medusa” qualquer, e, rapidinho ... “bata asas, Pegasus!”.

Com as árabes, as israelitas e as orientais quase o mesmo se dava, e outras esquisitices também ocorriam entre os meninos, porque a ala masculina não fugia à regra: confraternização só na hora do recreio e olhe lá! E foi nessa do

“não me rele e não me toque” que todos nós crescemos sorrindo uns para os outros até que um dia o destino nos separou.

Onde andarão Jamel e Evangelia, Fátima e Mikie, Zugaib e Charif, Elias e Milena, Naire e Anoush? – pergunto-me ao fim desta minha narrativa, tentando lembrar, com máxima precisão, suas fisionomias, vozes, sorrisos e comportamentos. Somente Deus, Allah ou Jeová, quiçá Amaterazu, sabem – respondo –, porque mais de cinquenta anos de eternidade se passaram.

São dezoito horas de uma sexta-feira cujo anoitecer é igual ao de muitas que se foram. Desligo o *leptop* a minha frente e ajeito as coisas sobre a minha mesa. Levanto os meus setenta anos imaginando-me com quinze e balanço a cabeça achando graça dessas lembranças. Fecho a janela do escritório, olho ao redor, apago a luz e saio, convicto de que essas recordações não se apagarão da memória, afinal: *éramos felizes ... e não sabíamos!*

---